

Diversão & Arte

Peter Mountain/20th Century Studios

ONDE TUDO COMEÇOU

Cena do filme
King's Man: A origem

Estrelado por Ralph Fiennes, terceiro sucesso da série *King's man* narra a origem do famoso grupo de espões dos quadrinhos. Afirmado em clássicos, o diretor Woody Allen é outro destaque

» PEDRO IBARRA

Franquia de sucesso nos quadrinhos, que migrou para o cinema e conquistou uma legião de fãs, *Kingsman* chega ao terceiro longa da saga com a história de como a famosa alfaiataria britânica se tornou um grupo independente de espões altamente treinados. *King's man: a origem* chega

aos cinemas hoje e volta para a Primeira Guerra Mundial no intuito de mostrar o início de tudo.

O prelúdio apresenta Orlando Oxford, personagem de Ralph Fiennes, um homem rico e influente no Reino Unido, que tenta arranjar novas formas de influenciar na política internacional para conseguir dar um fim na Primeira Guerra Mundial pelos bastidores. Enquanto isso, vive um drama

com o filho Conrad, interpretado por Harry Dickinson, que quer, de qualquer forma, se juntar às tropas para defender a Inglaterra na batalha. Completam o elenco nomes do calibre de Rhys Ifans, Djimou Hounsou, Charles Dance, Matthew Goode, Tom Hollander e Gemma Arteton.

O filme mescla fatos históricos, ação e comédia, e apresenta a guerra como uma grande conspiração

internacional. Figuras lendárias como o monge russo Rasputin, o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e até o revolucionário Vladimir Lenin são evocadas. De forma frenética, o longa reescreve a história sob os olhos do embrião que iria se tornar o grupo de agentes secretos. Sem nenhum apego a retratar os fatos como realmente aconteceram, apenas utilizar a história real como ferramenta roteirística.

A produção, que sofreu com repetidos adiamentos devido a pandemia, chega para criar uma base para a *Kingsman*, aumentar a mitologia da franquia nos cinemas e dar um novo fôlego, assim como um novo elenco, para conseguir explorar ainda mais a saga popular nos cinemas. O longa dá deixas de que esses personagens podem ser o futuro de *Kingsman*.

CRÍTICA // KING'S MAN: A ORIGEM ★★

AÇÃO QUE SE SOBREPÕE À HISTÓRIA

Quando *Kingsman: serviço secreto* chegou aos cinemas em 2014, o longa apresentou um formato diferente de fazer ação, com

cevas complexas e sequências de dublês pouco usuais, além de uma aplicação muito certa dos momentos com efeitos visuais. O roteiro também foi honesto e corajoso. Porém, desde então, as sequências tentam repetir a fórmula sem o mesmo sucesso. Tanto *Kingsman: o círculo dourado*

quanto a estreia de hoje *King's man: a origem* não atingem as expectativas, levantadas muito por conta do sucesso do primeiro longa da franquia.

No caso do novo filme, fica visível que o diretor e roteirista Matthew Vaughn tenta se reencontrar com aquilo que uma vez

conseguiu fazer. Contudo, também é evidente que ele se perde no caminho. São muitos personagens e núcleos e pouco apego histórico e com o roteiro. Para alguns espectadores, certas escolhas de enredo podem soar até desrespeitosas com a história de alguns países. Entretanto, a película não é de

todo um erro. É possível perceber os traços que marcaram os filmes da saga até então. Com boas cenas de ação, muitas cores e um humor satírico. As cenas entretêm, mas o *Kingsman* já não é o mesmo, apenas se organizando em uma nova tentativa de aventuras. (PI)

CRÍTICA // O FESTIVAL DO AMOR ★★★

AS RAÍZES DO DESEJO

» RICARDO DAEHN

Ante uma avalanche de filmes vistos num festival de cinema, a transformação é um resultado para todo e qualquer espectador que se afunda nas poltronas das salas, durante algum evento do segmento. Mais do que ciente disso, o cineasta Woody Allen é um privilegiado, há décadas; isso ao ponto de ver a própria concepção da sétima arte mudar de eixo, tamanha a gama de inovações de linguagem que testemunhou. O *Festival do amor*, a nova criação de Allen, traz ironia (embutida no título), homenagens e uma carga de reflexões e tópicos graciosos. Todo o enredo do filme tem o evento espanhol de San Sebastián, uma grande vitrine de cinema internacional, como pano de fundo.

No novo filme, o ex-professor e aspirante a escritor Mort (Wallace Shawn) frequenta um ciclo pedante ligado ao cinema: a esposa dele, Sue (Gina Gershon), estreita a ponte entre jornalistas e um narcisista cineasta chamado Philippe (Louis Garrel, brilhando). Philippe traz, na bagagem, o risível desejo de fazer um remake de

Quim Vives/Divulgação



O festival do amor: em cena, Wallace Shawn, Gina Gershon e Louis Garrel

Acosado (do mestre Godard), e ainda acredita que seus filmes possam resolver a crise política do Oriente Médio. Mort alterna entre hostilidade e resignação, diante da ameaça de um forçado ménage à trois, que viria a contragosto dele, tamanha a proximidade entre Philippe e Sue.

Quase 24 anos depois de *Desconstruindo Harry*, que fazia celebração do clássico *Morangos silvestres*, Allen retorna a celebrar o cinema de Ingmar Bergman. Mas não particulariza a citação: como numa metralhadora encadeada, presta homenagens a François Truffaut, Luis Buñuel, Claude Lelouch e Orson Welles, entre outros.

Verdade seja dita, há certo desgaste na execução do filme, mas os tópicos do humorista seguem válidos. Crises profissionais, traições amorosas e dados filosóficos (entre os quais, "Em que consiste

a vida?") despontam; isso além da exploração de obsessões, como discutir de colesterol a refluxo.

Por mais que aposte em referências sofisticadas (vale a lembrança de que Mort almeja se igualar a Dostoiévski), Woody Allen traz um dos filmes mais acessíveis, em anos recentes. Melancólico, Mort ganha ânimo com uma reviravolta no filme, ao passar pelo consultório da doutora Jo Rojas (Elena Anaya, de *A pele que habito*). Auto-referente no plano do desejo e das cantadas (que evocam Vicky Cristina Barcelona), Allen traz frescor, ao entrever um roteiro que resolve, em parte, a crise emocional do protagonista que é, por demais, intelectual.

Com a narrativa afastada de tédio, o cinema de Allen pode ser reconsiderado, e atinge mesmo quem não tem familiaridade com a obra dele. Num dos ápices, uma representação da indiferente personagem da morte (feita por Christoph Waltz) rende das melhores gags na telona.

CANTEM, SEM OS MALES

No enredo de *Sing 2*, *Redshore* é o palco almejado por personagens como a elefanta Meena (dublada por Sandy), a porco espinho Ash, uma roqueira que ganha a voz de Wanessa Camargo, e por um agitado coala. No filme dirigido por Garth Jennings, medos e limites de cantantes personagens despontam, quando todos se unem para convencer um recluso astro do rock a participar de uma celebração da música nos palcos. Com a música Suéltate gravada por Anitta, a versão nacional do longa traz as vozes de Lexa, Fábio Jr. e Fiuk.

Universal/Divulgação



Aplaudido retorno

Quase dois anos de inatividade marcaram a trajetória do Cine Brasília (EQS 106/107), durante a pandemia. Agora, com a Mostra de Cinema Egípcio — Cine Brasília 2ª edição, o espaço retoma, por quatro dias, a projeção de filmes internacionais, uma das características que sempre fundamentaram a curadoria da sala.

Com exibição de seis longas, e direito a novo projetor e readequação das instalações para maior acessibilidade, o Cine Brasília adotará, durante a nova mostra, um esquema de acesso mediante doação de um quilo de alimento não perecível. Quem preferir acompanhar a mostra de casa, poderá acessar os filmes, via digital, em cinemaegipcio.com

Na programação, Mawlana (atração das 20h de hoje) traz uma trama de reajuste no rigoroso fundamentalismo da região, a partir da ação de um sheik, que, durante visita à mesquita, assume ares de celebridade, reconsiderando a comunicação com os compatriotas. Amanhã, será a vez do longa *Yomeddine*, projetado às 20h. No enredo, um coletor de lixo se desconecta do cotidiano numa colônia de leprosos, a fim de reencontrar a família no Egito.

Fotocópia domina sessão dupla, no sábado (às 17h e às 20h30), a partir do retrato do dia a dia de um idoso que, no Cairo, promove uma nova dinâmica na obsoleta revenda de serviços ligados à dactilografia e fotocópias. Finalmente, com quase três horas de duração, *O elefante azul*, conduzido por Marwan Hamed, encerra a retomada do Cine Brasília, no domingo, às 20h. (RD)